

Revertendo às origens

REVERTENDO, sim; não para se refastelar na sombra do passado, mas para colher dele a lição de princípios que, nesta longa caminhada de 50 anos, apesar de alguns erros, ingenuidades e vacilações, jamais foi esquecida e muito menos atraícoada. É sempre estimulante e altamente instrutivo percorrer os números dos primeiros anos da «Seara Nova». No número 1, o grupo faz a sua apresentação, delineando a traços largos mas vigorosos os seus intuítos de regeneração cívica, num repúdio total à desordem vigente na administração e nos costumes políticos: a República estava em perigo. Diziam os seareiros naquele dia de 15 de Outubro de 1921:

«A «Seara Nova» representa o esforço de alguns intelectuais, alheados dos partidos políticos, mas não da vida política, para que se erga, acima do miserável circo onde se debatem os interesses inconfessáveis das clientelas e das oligarquias plutocráticas, uma atmosfera mais pura em que se faça ouvir o protesto das mais altivas consciências, e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas necessárias à vida nacional...

«Muito tempo passaram já os homens de elite isolados do povo, fora das realidades sociais, muito para além do plano e do movimento em que se tece o futuro do mundo. É preciso que desçam até à corrente que transporta os germens da sociedade futura, e que nela lancem também o seu próprio sangue...

«Compenetrados destas ideias, queremos constituir na «Seara Nova» um núcleo de homens de boa consciência e vontade enérgica, dispostos a assumir perante a expoliação, a rapina, o egoísmo e a mentira nacionais uma violenta e sistemática atitude de protesto...

«Sob o ponto de vista político, a «Seara Nova» enfileira na extrema esquerda da República. Radical, sem ser jacobina, os seus esforços irão para a transformação do regimen no sentido das mais avançadas aspirações...

«Toda as suas simpatias vão pois para os que lutam, dentro da ordem, dos métodos democráticos e desse espírito de realidades sem o qual são inteiramente ilusórias quaisquer reformas sociais, pelo triunfo do socialismo...

«O grupo «Seara Nova» quer a Revolução, mas não aplaude as revoluções».

É indispensável não esquecer que este primeiro manifesto e outros que se seguiram dirigidos à Nação tinham em vista mobilizar, para um esforço comum e em volta dum prográma mínimo, todos os homens de boa vontade que ainda existissem entre nós. A *mayonnaise* dos nomes que subscreveram um desses apelos, em que «havia de tudo, desde os valores positivos aos valores negativos, desde os demagogos truculentos até aos espíritos naturalmente conservadores», surpreendeu, como era de esperar, os políticos militantes. A isso respondeu António Sérgio com uma imagem que foi buscar à Geometria: o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos; logo, rematava ele, «todas as pessoas inteligentes, avançadas ou conservadoras, católicas ou ateístas, aristocráticas ou plebeias, janotas ou burguesas, podem manifestar o seu acordo. Isto, longe de ser uma anarquia, é a mais perfeita expressão da disciplina intelectual.» (n.º 22, pág. 171).

Não sabemos até que ponto o símile sergiano pode revelar-se correcto, nem sobretudo se deste pluralismo, menos bem doseado, não possam advir alguns perigos. Estava-se porém num momento crucial da história do país e tratava-se de salvar Portugal —, todo o concurso era desejável e urgente. Ainda hoje, os sucessores daqueles que criaram a «Seara Nova», coerentes com o fundamental do seu ideário, que desejariam quanto possível actualizado e também radicalizado, não hesitam em receber o contributo dos homens bons de diversos quadrantes, unidos na fervente aspiração de servirem uma pátria comum.

Dentro, já se vê, dos princípios basilares que temos defendido ao longo destes 50 anos: a ordem na liberdade e no socialismo. Esta vocação socialista irrompe logo no número 1 da revista e foi literariamente consagrada por Raul Brandão naquelas 3 páginas em que nos conta a miséria da aldeia trágica minhota, acabando por explodir: «A terra é de quem a cultiva!» Mas o socialismo dos pioneiros do nosso grupo é ainda tímido e assaz vagaroso: «um socialismo sem alucinações nem pressas febris, que não desconhece a natureza humana, o carácter forçosamente evolutivo das transformações sociais, animado acima de tudo pelo desejo de pôr termo à anarquia económica e de realizar uma ordem mais perfeita» (n.º 22 — 1923). Pode pois dizer-se que este socialismo mitigado e compassado não metia medo a ninguém. Era

num tempo em que pesava sobre a Europa espavorida, a grande sombra da revolução soviética, e em que a imprensa capitalista despejava sobre a Rússia o seu nutrido carcaz de setas ervadas; e os nossos pioneiros não escaparam de todo à influência desta campanha de difamação.

Num artigo, «A Rússia ao léu» (n.º 242 — 1929), Raul Proença chegou mesmo a afirmar que «todo o movimento revolucionário pela violência é superficial»; ao que lhe respondeu um jovem escritor galego, Luís Manteiga, (n.º 252 — 1929), então no sanatório da Guarda: «se o socialismo era para quem tinha pressa em realizá-lo, então devia ser realizado revolucionariamente»; de qualquer modo, ainda era cedo, numa revolução como a russa, na etapa da ditadura do proletariado, falar-se em liberdade; sendo assim, o mais prudente seria estar calado, para não dar razão ao «Diário de Notícias». Supomos que Proença nunca chegou a responder a este moço militante; mas já foi altamente louvável admitir-lhe a sua prosa.

Houve também dentro da «Seara» quem não estivesse pelos ajustes e condenasse a atitude algo académica e distante dos maiores do grupo. Era a ala juvenil, que entrava em efervescência. Queremos referir-nos à polémica travada entre José Rodrigues Miguéis e Castelo Branco Chaves a propósito dum pequeno artigo deste último sobre o conceito de Revolução em Eça de Queiroz (n.º 204 — 1930). O grande escritor preconizava em 1871 uma revolução de tipo inglês, feita pelo próprio governo, precedida e acompanhada de uma opinião pública esclarecida, «realizada por concessões sucessivas dos governos conservadores». Rodrigues Miguéis repeliu a ideia de ir buscar ao passado o tipo de democracia escolhido por Eça ou por Antero: «O nosso dever é pensar e agir segundo o nosso espírito contemporâneo... Os idealistas que em nome dos ideais repudiam a acção necessária à sua efectivação, mentem, por inconsciência ou estupidéz» (n.º 220 — 1930). Três directores da revista, então exilados em França, vieram à revista julgar da contenda e deram a sua aprovação aos conceitos formulados por Castelo Branco Chaves, conformes, sem dúvida, à estrita ortodoxia seareira. Isto originou a saída de Miguéis, que, explicando os motivos da sua retirada, julgara possível evitá-la, «graças às operações de acordo que a elasticidade dos princípios consente» (n.º 231, pág. 229).

Ora, se a «Seara Nova» se distingue precisamente por um espírito de convivência e diálogo, que torna possível, em seu seio, a discussão aberta dos princípios, de que responde pessoalmente quem subscreve os artigos, é talvez menos desejável a intervenção insistente da censura redactorial, salvo em casos excepcionais de extrema gravidade. De contrário, pode parecer aos leitores que no grupo andam todos aos encontrões. Aliás, esse tipo de censura é mais próprio dos partidos políticos, de que a «Seara» sempre se desentendeu, e que têm a vantagem de o poderem fazer mais encobertamente.

Esta questão do partidismo político, já subjacente no conflito que opôs Miguéis a Castelo Branco Chaves, foi sempre e porventura é ainda um problema frequentemente levantado no grupo seareiro. Custava a compreender aos profissionais políticos de 1921 a existência dum grupo de intelectuais dispostos a intervir na política à margem dos partidos e até mesmo contra eles. Raul Proença teve o cuidado de lhes explicar as razões dessa atitude, em termos lúcidos, lapidares, ainda hoje, quanto a nós, inteiramente válidos:

«Não podemos ser um simples partido político porque a nossa missão social excede o campo de acção de todo e qualquer partido político. Mas há mais. Por maior que seja o desinteresse e a boa vontade das pessoas que se resolvam a constituir-se em partido político, a verdade é que, dentro em breve, à consideração inicial dos interesses colectivos se ajunta e sobrepõe a dos interesses partidários. Forma-se uma nova psicologia, uma nova moral, *deveres* para com o partido e o grupo, em conjunção, algumas vezes, muitas outras em oposição aos deveres para com o país... O espírito de partido cria interesses próprios de partido e exerce sobre toda a actividade mental uma acção perturbadora...

Creemos pois ter demonstrado que, *dado um mesmo grupo de homens*, esse grupo dá mais garantias de desinteresse, conservando-se completamente fora de todas as feições do que arrebanhando-se num partido político. A consciência dos interesses nacionais é assim menos refractada que através dum meio puramente partidário.

Mas há mais. A missão que a «Seara Nova» quer exercer na sociedade portuguesa tem de ser realizada em parte por homens de espírito científico, educados nas disciplinas do pensamento crítico, e por isso fundamentalmente incapazes de se arregimentarem em qualquer facção. Nunca em caso algum eles poriam acima das suas convicções, das suas dúvidas ou das suas reservas mentais qualquer dogma político ou qualquer autoridade partidária» (n.º 2, págs. 48-49).

Não significa isto, evidentemente, que não se acolham cordialmente na «Seara Nova» elementos com filiação partidária, que tragam para ela os resultados positivos da sua experiência política; mas, uma vez no grupo, com inteira liberdade de expressão, esses elementos obrigam-se moralmente a duas condições: deixarem, no seio dele, de representar o partido, funcionando como intelectuais e não como políticos, militantes; e não procurarem exercer no grupo qualquer forma de pressão ou hegemonia, o que equivaleria a uma deslealdade e porventura a uma catástrofe: a «Seara Nova» perderia muito do seu poder de atracção e irradiação, podendo mesmo soçobrar, se lhe fosse reconhecida qualquer vinculação com um partido político. Todos perderiam com isso. Aliás, isto de democracia é um saco muito largo, onde todos cabemos à vontade. O fundamental é sentirmo-nos essencialmente e irredutivelmente democratas.

Rodrigues Lapa